

La Comédiathèque

A corda

Jean-Pierre
Martinez



comediatheque.net

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediatheque.net>

A corda

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Num país sob o jugo de um tirano, enquanto a protesto cresce e a repressão se intensifica, um médico e um padre confrontam-se sobre se o dever sagrado de suas respectivas funções prevalece ou não sobre o dos cidadãos que também são ambos. O assunto é nada mais que a vida ou morte do ditador e, portanto, a perpetuação do regime ou a aceleração de sua queda...

Personagens

O médico

O padre

© La Comédiathèque

O consultório de um médico militar, dentro do Palácio Presidencial. Nada permite localizar nem o lugar nem a época, mas, no alto da escrivaninha, o retrato majestoso de um general em uniforme e adornado com condecorações indica que a ação se passa num país sob o domínio de um tirano. O médico, com sua bata branca, está sentado atrás de sua escrivaninha. Pode ter qualquer idade, mas esta idade contribuirá evidentemente para a caracterização de seu personagem. Ele retira uma imagem médica de um arquivo, levanta-se e a examina à luz de uma janela imaginária situada do lado do público. O telefone toca. Ele volta para sua escrivaninha, guarda a imagem no arquivo e pega o auricular.

Médico – Sim, sargento... Sim... Muito bem, faça-o entrar...

Um padre com batina preta entra. Pode ser jovem ou velho, mas sua idade, e sua diferença de idade com o médico, influenciarão seu personagem e o relacionamento entre eles.

Sacerdote – Capitão...

O médico levanta-se para recebê-lo.

Médico – Bom dia, Padre... Ou devo dizer tenente? Porque você também é militar.

Sacerdote – Os tempos dos monges soldados já passaram. Sou primeiro o capelão do Palácio. Como você é antes de tudo médico, imagino. Não temos vocação para sermos atribuídos a unidades combatentes, certo? Nossa missão é apoiar nossos camaradas e ajudá-los em caso de necessidade.

Médico – Ambos seríamos péssimos combatentes, receio.

Sacerdote – Posso chamá-lo de Doutor, se preferir.

Médico – Chame-me como quiser, Padre... Enquanto não me chamar de filho...

Sacerdote – Vou tentar lembrar.

Médico – De qualquer forma, obrigado por vir tão rápido. Na verdade, você é o primeiro. Mas por favor, sente-se... Posso lhe oferecer um café?

Sacerdote – Obrigado, não será necessário. (*Senta-se*) Então... é para uma vacina, eu acredito.

Médico – Não tem medo de agulhas, espero...

Sacerdote – Não... No entanto, confesso ter perdido meu cartão de vacinação.

Médico – Não se preocupe, nenhum dos meus pacientes foi capaz de me mostrar seu cartão de vacinação. Até eu mesmo não tenho certeza onde está o meu...

Sacerdote – Nesse caso, estou à sua disposição, Doutor.

Médico – Todos no Palácio passarão por isso, já sabe... Com todos os vírus que estão circulando neste momento... O General está em plena forma, mas já não tem vinte anos. Embora mal saia do Palácio, é preciso protegê-lo ao máximo de qualquer contágio que possa vir do exterior. Para isso, é necessário vacinar o seu círculo imediato. E todas as pessoas que possam estar em contato com ele.

Sacerdote – Claro. Antigamente chamava-se a isso o cordão sanitário, não é verdade...?

Médico – Esperemos que este método seja mais eficaz na medicina do que na política...

Sacerdote – Rezo pelo General todos os dias, mas sou perfeitamente consciente de que a ajuda da ciência não deve ser descartada.

Médico – Sim... Partilhamos a mesma tarefa, de certa forma. Como médico pessoal do General, velo pela saúde do seu corpo. Como seu confessor, você vela pela salvação da sua alma.

Sacerdote – E não sei quem tem a tarefa mais árdua...

O médico parece surpreso com este comentário discretamente subversivo, que o encoraja a confiar.

Médico – De facto, estamos a atravessar tempos difíceis. Como médico do Palácio, não estou diretamente confrontado com os problemas que os meus colegas têm de enfrentar, mas sei que nos últimos dias os feridos estão a chegar em massa ao hospital.

Sacerdote – As recentes revoltas têm causado muitas vítimas. Quando a medicina já não pode fazer nada por estes infelizes, às vezes vou dar-lhes algum conforto antes de entregarem a sua alma a Deus.

Médico – As revoltas... ou melhor, a sua repressão implacável.

Sacerdote – Não podemos permitir que o caos se instale, não é verdade...? Esperemos que se possa encontrar uma solução pacífica o mais rápido possível.

Médico – A esperança... Esse é o domínio da Igreja... A rua está mais inclinada para a exigência.

Sacerdote – Entre a esperança e a exigência, talvez haja lugar para a negociação. Não acredita na possibilidade de uma transição democrática?

Médico – Uma transição democrática...? Quando o líder da oposição acabou de ser preso e atirado para a prisão sem sequer um simulacro de julgamento?

Sacerdote – Não disse que aprovava esses métodos...

Médico – A repressão está a intensificar-se cada dia mais... Temor sobretudo por uma guerra civil. E quando uma guerra eclode, já não há lugar para compromisso. A paz só pode ser alcançada entre um perdedor condenado à rendição e o vencedor que dita as suas condições.

Sacerdote – Se houvesse uma guerra, só haveria perdedores... É crente, Doutor?

Médico – Vou à missa em família aos domingos... Pelo ambiente... Acredito em algumas coisas... Alguns valores...

Sacerdote – É um começo...

Médico – Gostaria de acreditar mais no seu Deus, Padre. Mas nos tempos que correm, não faltam razões para duvidar...

Sacerdote – Dizem que a prática faz o mestre. E por vezes, é rezando que se recupera a Fé... Por isso os ritos são tão importantes em todas as religiões.

Médico – Até agora, ia à igreja sobretudo para me sentir parte de uma comunidade. Mas no nosso país, os que vão à missa tornaram-se uma facção, da qual não estou certo se quero continuar a fazer parte.

Sacerdote – A Igreja tem sido instrumentalizada pelo poder em todas as épocas, infelizmente.

Médico – Alguns consideram-na simplesmente um instrumento do poder.

Sacerdote – Por isso primeiro é preciso acreditar em Deus, mesmo quando se desconfia da Igreja.

Médico – Antes de acreditar em Deus, acredito que é preciso acreditar no Homem. Acredita no Homem, Padre?

Sacerdote – Acredito na possibilidade da sua redenção perante Nosso Senhor. De resto, sigo a Lei dos homens.

Médico – Já vejo... Dar a César o que é de César... e lavar as mãos. Mesmo quando César se tornou um tirano?

O padre parece desconfortável.

Sacerdote – A minha vocação é ouvir, Doutor. E não tenho alma de delator. No entanto, recomendo prudência. Estamos no Palácio, não num confessionário, e aqui as paredes às vezes têm ouvidos...

Médico – Vamos, Padre... Você não é um monge. Não vive num mosteiro, afastado do mundo. Ao não fazer nada, nós avalizamos, você sabe bem... Você também tem uma responsabilidade...

Sacerdote – Claro... Nenhum de nós pode eximir-se das suas responsabilidades. Sou apenas um homem, como o senhor. Os padres também têm pecados para confessar, sabe...

Médico – A confissão de um padre não deve ser tão terrível de ouvir... A vaidade... A gula... A tentação... Ouvir a de um ditador sanguinário, cada domingo antes da missa... Ter que absolvê-lo dos seus crimes... Certamente não é fácil...

Sacerdote – Permita-me guardar neste ponto o segredo que a minha função me impõe... Mas tenho a sensação de que é um problema mais específico que o preocupa...

Médico – De facto, não é apenas por uma vacina que o fiz vir.

Sacerdote – Estou a ouvir...

O médico parece hesitar.

Médico – Não sei se conhece esta história. Quando era criança, Hitler caiu num rio em pleno inverno. Um companheiro atirou-se à água arriscando a sua vida para o salvar. Esse jovem herói tornou-se padre...

Sacerdote – Não conhecia essa história... E qual é a lição que tira dela?

Médico – Se essa alma bondosa tivesse deixado o jovem Adolf afogar-se, o curso da história teria sido diferente, não é verdade?

Sacerdote – Provavelmente...

Médico – Diz-se que de um mal às vezes pode surgir um bem. Assim como uma boa ação também pode gerar uma catástrofe.

Sacerdote – Às vezes, sem dúvida.

Médico – Daí esta pergunta filosófica, que quase poderia ser um tema de exame – Realmente é fazer o bem salvar a vida de um tirano que está se afogando?

Sacerdote – Mas nessa história, tratava-se apenas de uma criança...

Médico – Sim...

Sacerdote – Uma criança cujo destino não estava necessariamente selado.

Médico – De facto...

Sacerdote – O destino dessa criança poderia ter sido completamente diferente se a sua vida futura tivesse sido diferente. Se, por exemplo, não tivesse falhado duas vezes no exame de admissão à Academia de Belas Artes de Viena, talvez se tivesse tornado pintor...

Médico – É uma possibilidade.

Sacerdote – Também vai responsabilizar os examinadores pelo que aconteceu depois com o Holocausto?

Médico – Não sei...

Sacerdote – No final, o destino de um homem resulta de uma multiplicidade de casualidades sucessivas.

Médico – E se todas essas casualidades não fossem realmente tais? E se fôssemos apenas os pobres efeitos das múltiplas causas que nos determinam? E se tudo já estivesse escrito?

Sacerdote – Nesse caso, já estava escrito que Hitler escaparia do afogamento. E que falharia no seu exame de admissão a Belas Artes. E ninguém é responsável pelo que Hitler fez depois. Exceto ele próprio, claro.

Médico – Para si, o determinismo ainda está sujeito ao livre arbítrio?

Sacerdote – O que é certo é que ninguém pode prever o futuro com certeza. Como médico, salva vidas. Vidas de crianças também. Sem saber o que serão essas crianças...

Médico – Sim, mas se soubesse... É apenas uma hipótese. Se fosse eu a ver o jovem Adolf a afogar-se. Sabendo o que ele viria a ser. Um monstro...

Sacerdote – É uma hipótese absurda, disse-lhe... E então? Deixaria que essa criança se afogasse...?

Médico – É a pergunta que me faço... (*O médico dirige-se ao público*) Que vos faço...

O sacerdote fica paralisado, como se o tempo se detivesse, e uma mudança de luz indica que esta direção ao público, que quebra a quarta parede, é como um parêntese no desenvolvimento do espetáculo.

Médico – Imaginem... Andam junto a um rio e veem uma criança a afogar-se. Sabem que essa criança é Adolf Hitler. Estendem-lhe uma corda para o tirar dali ou não...? Nem sequer se trata de arriscar a vossa vida atirando-se à água. E, pelo contrário, podem perfeitamente fingir que não o viram. Não têm que escolher entre o heroísmo e a omissão de socorro, apenas têm que tomar uma decisão. Ele pede-vos ajuda. O que fazem? Salvam-no ou deixam-no morrer? Não é fácil responder a esta pergunta, verdade?

Um momento.

Médico – Quem oferece uma corda para ele? Levante a mão... (*Tempo para o público levantar a mão ou não*) Quem olha para o outro lado e segue seu caminho? Levante a mão (*Tempo para o público levantar a mão ou não*) Certo... E agora... se não fosse o jovem Hitler, mas sim um político que poderia se tornar um tirano se fosse eleito. Eu não sei, alguém como vocês sabem quem... Vocês ofereceriam uma corda para salvá-lo ou não...? Não é fácil, não é? Existe uma única resposta baseada na moral para esta pergunta, ou deve ser analisada caso a caso? E então, onde está o limite? Com base em quais critérios você salva um e deixa o outro morrer?

Voltamos à luz e à situação anterior, como se este aparte nunca tivesse ocorrido. E continuamos a ação de onde a deixamos.

Sacerdote – Sinto que seu questionamento não é apenas teórico.

Médico – De fato, preciso de um conselho. Mas como você disse, não estamos em um confessionário...

Sacerdote – Se desejar, posso ouvi-lo em confissão.

Médico – E então, você não poderia revelar a ninguém o que eu disser...?

Sacerdote – É o princípio do segredo da confissão, de fato. Como o do segredo médico.

Médico – Desculpe, mas... nos tempos que correm, não me vejo esperando minha vez para me confessar.

Sacerdote – Um padre pode ouvir uma confissão em qualquer lugar.

Médico – Aqui? Agora?

Sacerdote – Como capelão deste Palácio, estou à sua disposição.

Médico – Muito bem, então quero me confessar, Padre...

O sacerdote muda sua postura de conversa para confissão, enquanto se benze.

Sacerdote – Juntos, oremos para que Deus nos dê a graça de reconhecer nossos pecados.

Médico – Amém...

Sacerdote – Estou ouvindo, meu filho.

Médico – Tenho um dilema moral para lhe apresentar, Padre.

Sacerdote – Farei o possível para iluminá-lo. Segundo os princípios de Nosso Senhor.

Médico – Examinei o General há algumas semanas. Um exame de rotina. E detectei nele uma anomalia cardíaca... que foi posteriormente confirmada por outros exames.

Sacerdote – Uma anomalia...?

Médico – Um aneurisma da aorta abdominal, para ser mais preciso... Sim, até os ditadores têm coração, sabe...

Sacerdote – É lamentável, de fato... E é grave, imagino...?

Médico – Sim.

Sacerdote – Mas pode ser tratado.

Médico – Com cirurgia e tratamento adequado, sim. Se detectado a tempo.

Sacerdote – Então, qual é o dilema para você?

Médico – Se informar esta anomalia a um dos meus colegas, o General será tratado e continuará vivendo por anos...

Sacerdote – E...?

Médico – Se não informar, ele morrerá nas próximas semanas. Talvez amanhã. E provavelmente a ditadura não sobreviverá sem ele...

O padre permanece em silêncio por um momento.

Sacerdote – Você não está pensando seriamente nisso, certo?

Médico – É uma oportunidade única de mudar o curso da história, não é? De derrubar este regime salvando a vida dos opositores que são fuzilados diariamente nos pátios das prisões. Ou que caem sob as balas da polícia enquanto protestam nas ruas. Você mencionou antes a possibilidade de uma transição democrática...

Sacerdote – Condenando à morte um dos seus pacientes que confiou sua vida em suas mãos?

Médico (*citando o juramento hipocrático*) – Nunca provocarei a morte intencionalmente. Primum non nocere...

Sacerdote – Primeiro, não fazer mal...

Médico – Por isso mesmo falei de um dilema moral... Hoje, devo arbitrar entre dois mandatos contraditórios. O médico me ordena ver apenas o doente e tratá-lo. O cidadão me diz que considere os crimes deste homem e o deixe morrer para evitar que cometa mais.

Sacerdote – Você também esquece o militar, que deve obedecer ordens.

Médico – Obedecer ordens... Sob esse critério, nos Julgamentos de Nuremberg, só teria absolvições. Todos alegavam apenas seguir as ordens de seu líder...

Sacerdote – Estava buscando meu conselho, não estava?

Médico – Não me comprometi a segui-lo... Mas estou ouvindo...

Sacerdote – Que o médico cumpra com seu dever, respeitando seu juramento. Depois, o militar é livre para não seguir ordens que considere indignas. E o cidadão é livre para se rebelar, entregando-se, se necessário, a atos de resistência.

Médico – Mas hoje em dia, o militar e o cidadão são impotentes diante de um aparato repressivo de eficácia terrível. Apenas o médico tem o poder de pôr fim à ditadura, precipitando a morte do ditador...

Sacerdote – Como médico, você se atribui o poder de vida e morte sobre seus pacientes? Você se faz de Deus?

Médico – Já que o seu Deus permite que um tirano permaneça no poder, os homens devem intervir para derrubá-lo do seu pedestal.

Sacerdote – Mas como médico, você está investido de uma função sagrada, assim como eu. Todo homem tem direito a ser tratado, sem consideração por suas ações passadas, assim como todo culpado tem direito a ser defendido, independentemente de seus crimes.

Médico (*irônico*) – E todo pecador tem direito a ser perdoado, independentemente da gravidade de seus pecados, não é?

Sacerdote – Se ele se arrepender sinceramente, sim.

Médico – Alguma vez o General confessou a você que se arrependeu de seus crimes?

Sacerdote – Isso também está sujeito ao segredo que um confessor deve guardar.

Médico – Mesmo que ele se arrependa, isso não o impede de continuar matando impunemente todos os seus opositores. Como diretor de consciência, se me permite, parece que você não tem muita influência sobre ele.

Sacerdote – Assim como você, os tiranos estão convencidos de que estão trabalhando para o bem do povo. Alegam agir conforme sua fé e muitas vezes se apresentam como defensores da religião...

Médico – Parece que ele não está convencido disso.

Sacerdote – Não me cabe julgar... Acredito no arrependimento e no perdão. E escolhi servir a Deus.

Médico – E eu aos homens.

Sacerdote – Sim. A todos os homens. Sem exceção. Médicos, padres, advogados... somos as únicas pessoas em quem até mesmo o pior dos homens pode ter uma confiança absoluta. Essa é nossa missão. É uma tarefa difícil e pouco reconhecida, mas é essencial. Somos o último bastião contra a barbárie. E o último recurso para aqueles que todos já condenaram, mas em quem ainda existe uma centelha de humanidade.

Médico – Certo, mas enquanto discutimos, cidadãos estão sendo mortos a tiros ou torturados.

Sacerdote – E planeja salvar a humanidade por meio da perjúria e do assassinato? Afirma acabar com uma tirania empregando os métodos do tirano? Abandonando o juramento que fez solenemente perante seus colegas?

Médico – Eu disse a você. Não é uma decisão fácil...

O sacerdote se congela e a luz muda para um novo aparte com o público.

Médico (*para o público*) – Se fossem médicos, o que fariam no meu lugar em uma situação assim? (*Pega o prontuário de sua mesa e mostra ao público*) Quem enviaria o prontuário a um colega para salvar a vida deste general? Levante a mão. (*Tempo necessário para permitir que parte do público levante a mão*) Quem guardaria este prontuário em uma gaveta e deixaria este tirano morrer? Levante a mão. (*Tempo necessário para permitir que parte do público levante a mão*). Mas vocês não são médicos, não é verdade...?

A luz volta ao normal e a ação continua.

Sacerdote – Você é a favor da pena de morte, Doutor?

Médico – Não... Em circunstâncias normais, não.

Sacerdote – Está a favor ou contra a pena de morte. Não pode haver exceções. A vida é sagrada. Mesmo nos países laicos, foi em nome desse princípio que a pena de morte foi abolida... Para não negar definitivamente toda humanidade mesmo ao pior dos criminosos... e para afirmar ainda a possibilidade, mesmo que mínima, de redenção.

Médico – Sou a favor do aborto. E em certos casos de eutanásia. Como médico, às vezes posso ter que causar a morte. E assim, violar o juramento hipocrático. Mas agora devolvo a pergunta. Você é a favor do respeito pela vida em todas as circunstâncias?

Sacerdote – Como padre, sim.

Médico – Então, é contra o aborto, mesmo em casos de estupro ou gravidez que coloque a vida da mãe em perigo? Você também é contra abreviar o sofrimento insuportável de alguém para quem a medicina já não pode fazer nada?

Sacerdote – Como ser humano, não sou insensível ao sofrimento humano...

Médico – Então, você às vezes coloca o homem antes do sacerdote para responder às difíceis questões que a realidade nos apresenta. Em vez de se refugiar atrás de grandes princípios morais que às vezes levam a decisões desumanas.

Sacerdote – Como sacerdote, não tenho o poder de tirar a vida de ninguém... Mas se um médico me confessasse ter feito isso em circunstâncias muito específicas e se arrependesse sinceramente, eu o absolveria.

Médico – Nesse caso, só precisaria me confessar após a morte do General. Para aliviar minha consciência e a sua.

Sacerdote – Então, você tomou sua decisão?

Médico – Além disso, você se compromete a me absolver.

Sacerdote – Você está considerando conscientemente deixar um homem morrer. Não posso absolvê-lo antecipadamente.

Médico – Afinal, o General já está idoso... Estarei apenas antecipando sua morte por alguns meses. Talvez alguns dias... Não podemos realmente falar de assassinato... Vamos dizer que é evitar a obstinação terapêutica.

Sacerdote – Você está brincando com as palavras. Mas não posso permitir que cometa tal abominação.

Médico – Você iria me denunciar?

Sacerdote – É meu dever.

Médico – Lembro-lhe que está sujeito ao segredo de confissão.

Sacerdote – Claro, mas há exceções a essa obrigação de segredo... Se a vida de um homem estiver em jogo, em particular.

Médico – Confiei em você... E agora me diz que o segredo da confissão não é um princípio absoluto... No entanto, no passado, a Igreja ficou em silêncio sobre crimes muito mais abjetos...

Sacerdote – Se um homem me revela sua intenção de matar outro, ou de cometer um atentado, tenho o dever de informar a justiça. Mesmo segundo a lei dos homens, é meu dever absoluto. Caso contrário, seria uma omissão de socorro à pessoa em perigo... Um advogado, se souber que seu cliente planeja um assassinato, é obrigado a avisar a polícia. Um médico também, aliás, e você sabe muito bem disso.

Médico – Mas não vou matar ninguém. Apenas deixarei a natureza seguir seu curso... Deixarei Deus agir, por assim dizer.

Sacerdote – Invoca a Deus quando lhe convém. Mesmo que não acredite Nele.

Médico – Então você também vai renunciar ao seu juramento?

Sacerdote – Eu disse a você, trata-se de salvar uma vida. Não estou obrigado, neste caso, por nenhum juramento.

Médico – Mesmo que ao me denunciar para a polícia deste regime totalitário, você me condene à morte certa?

Sacerdote – Basta que faça seu dever de médico para escapar dessa condenação...

Médico – Farei meu dever de cidadão.

Sacerdote – Então, não me deixa escolha...

Médico – Tem certeza de que será o sacerdote, e não o oficial, quem me denunciará?

Sacerdote – Sou sacerdote antes de ser oficial. Mas sou homem antes de ser sacerdote. E o homem que sou não permitirá que tire a vida de um dos seus semelhantes.

O telefone toca. O médico atende.

Médico – Sim, Sargento? Estou ouvindo... Entendido... Irei o mais rápido possível...
(*Desliga*) O líder da oposição acabou de ser encontrado enforcado em sua cela...

O sacerdote fica afetado.

Sacerdote – É horrível...

Médico – Estão me pedindo para constatar a morte e certificar oficialmente que se trata de um suicídio. Veja, Padre, o General, ao contrário, não hesita em matar seus opositores. Ele faz isso à luz do dia. E eu, como médico legista, tenho que encobrir esses assassinatos como suicídios.

Sacerdote – É uma infâmia... Você vai se prestar a essa farsa?

Médico – Há um momento, você queria apenas que eu obedecesse às ordens!

Sacerdote – Concordo consigo neste ponto. Quando as ordens são ilegítimas, é um dever desobedecer.

Médico – Eu disse como poderia terminar sem dor com essa escalada de violência...

A ação para e a luz muda para um novo aparte.

Sacerdote (*para o público*) – Não podendo confiar em Deus, preciso da vossa ajuda... Vocês são sacerdotes. O que fariam no meu lugar? Quem de vocês denunciaria este médico, depois de tê-lo ouvido em confissão, para preservar a vida de um homem que também se revela um tirano implacável? Levantem a mão. (*Tempo para alguns espectadores levantarem a mão*) Quem não diria nada e permitiria que este médico cometesse um assassinato negligenciando o tratamento do seu paciente? Levantem a mão. (*Tempo para alguns espectadores levantarem a mão*) Mas vocês não são sacerdotes, certo?

A luz volta ao normal e a ação continua.

Sacerdote – Devo admitir que me sinto impotente diante de tanta violência...

Médico – Se falar, terá minha morte na sua consciência... Viu como o General trata seus opositores. Eles também me encontrarão enforcado na minha cela... Você realmente vai me denunciar?

Sacerdote – Não, se me impedir...

Médico – Como poderia eu impedi-lo?

Sacerdote – Matando-me também...

Médico – É isso que deseja?

Sacerdote – Deixo-lhe a liberdade da sua escolha.

Médico – Para evitar ter que escolher você mesmo... Quem pensa que é, Padre, oferecendo-se assim em sacrifício? Para Jesus Cristo? Mas seu sacrifício não teria sentido... e não seria útil para ninguém.

Sacerdote – Jesus sacrificou-se para oferecer aos homens a possibilidade de reconciliação. De facto, esse é o próprio significado da palavra religião. Conectar os crentes uns aos outros. E também é o significado da Eucaristia. A comunhão entre todos os homens...

Momento de hesitação. O médico parece ficar sem argumentos.

Médico – Nesse caso... O jogo está feito, Padre... E é hora da injeção...

Sacerdote – Estou pronto.

O médico prepara a injeção, sob o olhar do sacerdote.

Médico – Não se preocupe, mal sentirá nada...

Sacerdote – Confio-me totalmente a você... como todos os seus outros pacientes.

O médico administra a injeção.

Médico – Ainda não quer beber algo?

Sacerdote – Gostaria de um copo de água.

Médico – Irei buscar...

O médico sai. O sacerdote vê o arquivo na mesa. Ele pega, mas não abre. O médico retorna com um copo de água.

Médico – Ah... Cuidado, Padre, segredo médico...

Sacerdote – De qualquer forma, seria incapaz de interpretar estas imagens...

O médico oferece o copo de água e o sacerdote aceita.

Médico – Aqui tem o seu copo de água.

Sacerdote – O último gole do condenado...?

Médico – Realmente estaria disposto a se sacrificar para evitar suas responsabilidades?

Sacerdote – Para evitar minhas responsabilidades, não. Para não ter que trair minhas convicções, talvez.

Médico – Não é isso uma forma de fugir da realidade para evitar enfrentá-la? Pergunto-me se não teria sido melhor ser monge, afinal de contas.

Sacerdote – Teria sido mais fácil, sem dúvida.

Médico – E tudo isso para salvar um homem que cometeu crimes contra a Humanidade.

Sacerdote – Deus cuidará de julgá-lo. Ou a justiça dos homens.

Médico – Por enquanto, a justiça é exercida por ele... E pretende fazê-lo em nome de Deus.

Sacerdote – Não concordo com esta nova Inquisição, acredite.

Médico – Mas você não fez nada para se opor... Depois da queda do regime, poderia ser chamado para testemunhar, sabe? Apesar do segredo de confissão... Vão lhe reprovar por ter colaborado.

Sacerdote – Sim... A si mesmo, de facto... É o médico pessoal do General. E por agora, não é conhecido por ser um opositor fervoroso... Não é verdade que está buscando garantir um futuro tranquilo ao abandonar o navio justo antes do naufrágio... depois de deixar o capitão se afogar?

Médico – Nem mesmo poderia passar por um resistente de última hora, infelizmente. Teria precipitado o fim do tirano, mas ao fazê-lo, teria traído meu juramento médico, então não poderia me orgulhar de tal feito.

Sacerdote – Você poderia assassiná-lo à luz do dia. Com um tiro de pistola. Como oficial, você possui uma arma e recebe regularmente o General em consulta.

Médico – Nunca serei um herói, temo. Nunca serei como Brutus apunhalando César diante do Senado reunido. Não tenho essa coragem. Ao contrário de você, não tenho o gosto pelo sacrifício. Na verdade, sou um covarde.

Sacerdote – Por isso esse assassinato furtivo lhe convém bem, não é?

Médico – O crime sem castigo... Mas também sem glória póstuma.

Sacerdote – Quanto ao castigo, isso ainda está por ver. Não será executado pela ditadura por ter assassinado o General, mas talvez seja condenado pelos libertadores por ter colaborado. Como eu...

Médico – Veja, para mim também não há uma solução boa. E além disso, você está certo. Eu o teria merecido, no fundo. No início, apoiei este golpe de estado. Para escapar do caos. Acreditei nos benefícios do retorno à ordem. Mas quando é imposto pelos mais fortes aos mais fracos, a ordem logo se torna um novo desordenamento.

Sacerdote – Lamentavelmente, tanto a ordem quanto o desordenamento são regidos pela lei do mais forte.

Médico – Então, o que fazer?

Sacerdote – O destino do Homem é caminhar sem mapa em um deserto sem caminho, em busca de um oásis que não existe. Por isso é melhor ter a Fé como companheira de viagem...

O médico retira a imagem médica do processo.

Médico – Ou a iluminação da ciência... Sabe o que é semiologia, Padre?

Sacerdote – É o estudo dos sinais. O fato de ter Fé não exclui o interesse pela ciência, Doutor. E vice-versa, também há crentes entre os maiores cientistas.

Médico – Em medicina, a semiologia é o estudo dos sintomas que permitem fazer um diagnóstico e, portanto, prescrever um tratamento. No final, os médicos são os herdeiros dos augúrios de outrora, que pretendiam ler o futuro nas entranhas dos animais.

Sacerdote – Eram os arúspices que na Antiga Roma liam as entranhas dos animais sacrificados. Os augúrios interpretavam mais o voo das aves...

Médico – Seja como for, esses adivinhos também são seus predecessores, não são?

Sacerdote – Sim. Antes fazíamos o mesmo trabalho, você e eu. Foi recentemente que os caminhos da ciência e da religião se separaram. Para o bem e, às vezes, para o mal...

O médico retira a imagem médica e olha para ela.

Médico – Ler os sinais... Afinal, a medicina ainda não é uma ciência exata... Poderia simplesmente ter me enganado... Aos olhos de todos, então, seria apenas um erro médico...

Sacerdote – Mas você saberá que deixou voluntariamente morrer um de seus pacientes.

Médico – Pensarei em todos que terei salvado.

Sacerdote – Como os adivinhos dos quais falava, acredita conhecer o futuro e ter a capacidade de influenciar sozinho o curso da História?

Médico – Sempre posso tentar...

Sacerdote – Como pode ter certeza de que a queda do ditador não será seguida por um banho de sangue? Por uma guerra civil? Por uma purga em grande escala? Esta ditadura poderia engendrar outra. Ainda mais sangrenta. A História nos mostrou que à Revolução pode seguir-se o Terror.

Médico – Então, o que fazer? Não fazer nada? Não resistir? Mesmo quando se é um covarde e se tem a oportunidade de fazê-lo sem correr nenhum risco?

Sacerdote – Não sei...

Médico – Você mesmo nunca tem má consciência?

Sacerdote – Sim... Mas acredito na palavra dada. No juramento que ambos fizemos. Cada um à sua maneira, pronunciamos votos. Devemos manter nossa palavra, aconteça o que acontecer. A própria lei, em sua aplicação, às vezes é injusta. Mas se não houver lei, não há civilização. E sem fé na palavra dada, não há Humanidade...

Médico – A palavra também pode ser uma arma. O ditador é quem dita. Que impõe sua própria lei. A lei do mais forte.

Sacerdote – E aquele que profere uma sentença de morte, por sua própria conta, em desprezo pela lei? Não se torna também um ditador em potencial?

Médico – As leis são feitas para serem interpretadas. Há momentos na vida em que a morte de um homem pode ser a menos má das soluções.

Sacerdote – Talvez hoje. Mas quando se coloca a mão nesse engrenagem infernal, está seguro de que não acabará nos esmagando completamente? Não é hora de, individualmente, decidirmos romper esse ciclo de violência?

Médico – Então, você também, como aquele futuro sacerdote, teria salvo Hitler de se afogar.

Sacerdote – Teria salvo uma criança. Não o teria condenado antecipadamente. Do contrário, teríamos que prender preventivamente todos os fundamentalistas porque poderiam se tornar terroristas. E prender todos os crentes porque poderiam se tornar fundamentalistas. Com isso, aqueles que nos governam logo colocariam na prisão todos aqueles que não pensam exatamente como eles...

Médico – Mas isso já acontece com esta ditadura com aparência de teocracia!

Sacerdote – De fato. Por isso aqueles que a derrubarem devem evitar reproduzir esse sistema mortífero a todo custo.

Médico – Você mesmo disse isso há um momento. Se soubermos que um homem vai cometer um atentado, não devemos detê-lo?

Sacerdote – Mas nunca se pode saber...

Médico – Nunca se pode ter certeza, eu concordo... mas às vezes é necessário se defender antes de ser atacado. Não é seguro que você nunca seja contaminado por um vírus, e no entanto aceita ser vacinado.

Sacerdote – Não se pode comparar os piores entre nós com vírus malévolos que precisam ser eliminados antecipadamente, negando-lhes assim toda humanidade. O mal está em cada um de nós em primeiro lugar. Cabe a nós lutar contra ele em nós mesmos, antes de lutar contra ele nos outros.

Médico – Eu lido com minha parte sombria. Mas isso não impedirá a mão do assassino disposto a golpear.

Sacerdote – Hoje em dia existem modelos para prever quem se tornará um criminoso. Dizem-nos que são modelos fiáveis, quase cem por cento. Deveríamos prender essas pessoas preventivamente?

Médico – Bem, se prende os loucos perigosos.

Sacerdote – Porque já não têm livre arbítrio...

Médico – E também se pode provocar um aborto porque um teste mostrou que o bebê seria trissômico.

Sacerdote – O que levanta a questão do eugenismo em geral... Deveríamos eliminar ao nascer todos os portadores de um gene de doença? Para que não se tornem um fardo para si mesmos e para a sociedade...

Médico – No caso do eugenismo, não estamos falando de criminosos.

Sacerdote – Alguns afirmaram ter identificado um cromossomo do crime... A ciência moderna nos devolve estranhamente à frenologia do século XIX, que pretendia detectar defeitos congênitos a partir da forma do crânio... Não estamos longe dos delírios pseudocientíficos dos loucos cientistas nazistas, que levaram a extermínios em massa. Com o funesto projeto de criar uma raça superior. Não se mede o grau de civilização mais pelo tratamento dispensado aos mais fracos?

Médico – Por enquanto trata-se mais do destino que deve ser reservado ao homem forte deste regime. Realmente acredita que o General ainda pode se redimir? E, além disso, qual seria a sinceridade desse arrependimento quando a multidão já tenta tomar o Palácio Presidencial...

Sacerdote – Será tarefa dos tribunais humanos julgá-lo. Levantando a questão de sua responsabilidade. Qual é a nossa parte de liberdade diante do determinismo? Essa é a questão... Se nosso destino está selado desde o nosso nascimento, já não somos homens, mas máquinas programadas antecipadamente. Não posso aceitar viver em um mundo assim... Se você pensa que alguns estão programados para fazer o mal, como outros para fazer o bem, então não há liberdade, não há responsabilidade e não há possibilidade de redenção. Bastaria separar o joio do trigo, cientificamente, até erradicar definitivamente todas as ervas daninhas. Não estaríamos então em uma sociedade totalitária?

Médico – Eu acredito na liberdade. Mas não é total... Um é mais ou menos livre para responder à pergunta, mas a pergunta nos é imposta. Vamos pegar o exemplo de uma família grande. Cada criança deve decidir em relação ao mesmo contexto. E cada um dá uma resposta diferente, de acordo com o que é e suas escolhas.

Sacerdote – Sim... Quando alguém foi vítima de violência, pode se tornar violento ou não. Nós nos determinamos nisso, é verdade. Mas quero acreditar no que hoje é chamado de resiliência.

Médico – De fato. Decidimos com base no contexto que nos é imposto e no que somos. Mas, realmente, temos escolha sobre o que somos?

Sacerdote – Você acha que o General estava destinado a se tornar ditador? Que não tinha escolha? E tira a conclusão de que deveríamos tê-lo eliminado ao nascer? Como o jovem Hitler, deveríamos tê-lo afogado?

Médico – Não sei... Acho, sobretudo, que este debate filosófico é um pouco vão... Enquanto sob as nossas janelas as pessoas lutam para mudar o curso da história.

Ouve-se um momento em que se escutam os protestos na rua e rajadas de armas automáticas.

Sacerdote – Por agora, infelizmente, como médico e como sacerdote, só podemos esperar impotentes para saber o que resultará deste confronto. Além disso... o que o levou a tornar-se médico?

Médico – Meu pai era cirurgião. Um dos meus irmãos é radiologista e o outro, dentista. Tenho uma herança pesada. E você? Suponho que seu pai não era monge.

Sacerdote – Meu pai era açougueiro... Não era crente e não aprovou minha escolha de me tornar padre.

Médico – Deve ter ficado desapontado por não haver ninguém para continuar com o açougue da família...

Sacerdote – Um filho padre... Preferiria que eu lhe anunciasse que era gay, creio...

Médico – É filho único?

Sacerdote – Tenho quatro irmãs. Nenhuma delas entrou para um convento, asseguro-lhe...

Médico – Um pai açougueiro... e você escolheu usar a batina.

Sacerdote – Tem filhos, capitão?

Médico – Tenho um filho.

Sacerdote – Se o seu filho fosse um criminoso e viesse até si, ferido, para ser curado, deixá-lo-ia morrer?

Médico – Provavelmente não.

Sacerdote – Ao tornar-me padre, decidi, como Nosso Senhor, considerar todos os homens como meus próprios filhos. Compreenderá que não posso aceitar deixar morrer nenhum, nem mesmo o pior deles.

Médico – Meu filho é mais corajoso do que eu. Neste momento está nas barricadas. Poderia ser morto a qualquer momento. Também é para salvá-lo que quero acabar o mais rápido possível com este regime, e portanto com este tirano.

Sacerdote – Mas ainda não está escrito. O pior nunca está seguro.

Médico – Temo que seja mais do que provável, infelizmente.

Um momento. Novo tumulto lá fora.

Sacerdote – De certa forma, compadeço-me... Deve ser muito triste viver num mundo onde a vida de cada um está determinada de antemão.

Médico – Embora para os criminosos, o determinismo seja uma boa desculpa para se eximirem de suas responsabilidades. Conhece esta outra história? Um homem vê uma serpente presa sob uma rocha. A serpente lhe suplica que a liberte prometendo não mordê-lo. O homem levanta a rocha e a serpente o morde. A serpente se desculpa com o moribundo explicando que é da sua natureza matar.

Sacerdote – Então também é da minha natureza não deixar que cometa este crime.

Médico – Até ao ponto de me denunciar, condenando-me a uma morte certa?

Sacerdote – Se não me deixar escolha.

Médico – Não o fará.

Sacerdote – Porque em vez de me injetar uma vacina, me injetou um veneno, como essa serpente de que falava?

Médico – Acha que fiz isso?

Sacerdote – Poderia ter deixado o General morrer sem me contar em confissão... Sua decisão já estava tomada, não? Por que se confessou comigo sobre este crime por vir?

Médico – Porque talvez precisasse de incentivo... Sou um covarde, disse-o. Precisava da sua bênção...

Sacerdote – Se realmente me injetou um veneno, saiba que o perdoo... E então também me poupará de um problema de consciência...

Médico – Era isso que queria, não?

Sacerdote – Orarei por si enquanto me restar tempo de vida...

Médico – Provavelmente é a primeira vez na história que um padre é assassinado durante uma confissão, e que absolve seu assassino imediatamente depois.

Sacerdote – Mesmo assim, lamento não ter conseguido convencê-lo...

Um momento.

Médico – Deveríamos jogar uma corda a um tirano que está se afogando...? Para enforcá-lo, talvez...

O telefone toca. O médico atende.

Médico – Sim, sargento... Sim... Quando? É terrível, de fato... Entendi... Está bem...
(*Desliga*) O General acabou de sucumbir a um ataque cardíaco...

Sacerdote – Meu Deus...

Médico – Deus não tem muito a ver com isso, você sabe...

Sacerdote – Mas agora que o ato está consumado, posso absolvê-lo...

Médico – Sério?

Sacerdote – Se se arrepender sinceramente.

Médico – Não me orgulha em nada, de qualquer forma.

Sacerdote – Eu me contentarei com isso... Que Deus, Pai de misericórdia, que reconciliou o mundo consigo mesmo através da morte e ressurreição de seu Filho, conceda-lhe perdão e paz. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, eu perdoo seus pecados, que você confessou, e o restauro à comunhão da Igreja. Que o Senhor esteja convosco.

Médico – Também me absolverá por tê-lo assassinado?

Sacerdote – Já o perdoei. Mas para absolvê-lo, o crime deveria ter sido realmente consumado, e eu já deveria estar morto... Terá que procurar outro confessor.

Médico – Entendi...

Sacerdote – Mas você realmente não me envenenou, certo?

Médico – E você? Realmente teria me denunciado?

Sacerdote – Quem sabe...

Médico – De qualquer forma, não morrerá de uma doença contagiosa... Está vacinado por alguns anos...

O sacerdote se levanta para sair. O telefone toca. O médico atende.

Médico – Sim, sargento... Obrigado por me avisar... *(Desliga)* Os manifestantes estão invadindo o palácio, em breve teremos que prestar contas de nossos atos...

Sacerdote – Deus nos ajude...

O médico tira uma pistola de uma gaveta e a coloca em sua mesa.

Médico – Ajude-se a si mesmo... e o Céu o ajudará.

Sacerdote – Contra quem planeja usar essa arma, capitão? Contra seus companheiros de ontem ou contra seus amigos de hoje, que provavelmente não o consideram um deles?

Médico – Veremos, Padre. Por agora, trata-se de salvar nossa pele. Não fiquemos aqui...

Eles se levantam para sair.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Comédias para 2

A janela da frente
Cara ou coroa
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue

Comédias para 3

Crash Zone
Cuidado frágil
Méngae à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Quarentena
Quatro estrelas
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Jogo de Escape
O Jackpot
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Pré-histórias Grotescas
Réveillon na esquadra
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Breves do tempo perdido
Cenas de rua
Corações Abertos
Ela e Ele
Morrer de Rir

Monólogos

Como um peixe no ar

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Março de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-176-3

Documento para download gratuito